

A Morte da Bailarina

The Death of the Ballerina

Nancy Mangabeira Unger*

Resumo

A história do Ocidente pode ser lida de acordo com o sentido da palavra grega *hybris*: transgressão, presunção, desmesura. Hoje, vivemos o ápice de um percurso marcado pelo desejo de tudo dominar. Por sua extrema gravidade, a crise contemporânea nos coloca diante da responsabilidade de questionar a própria dimensão na qual pensamos, e a maneira em que compreendemos nossa identidade enquanto humanos e nosso lugar na totalidade do real.

Palavras-chave: civilização ocidental; crise; *hybris*; questionamento.

Abstract

The history of the West can be read according to the meaning of the greek word *hybris* : transgression, arrogance, loss of measure. We presently live the pinnacle of a course marked by the desire to dominate all beings. The extreme gravity of contemporary crisis confronts us with the responsibility of questioning the very dimension in which we think, as well as the manner in which we understand our identity as human beings and our place in the totality of being.

Key words: western civilization; crisis; *hybris*; questioning.

Introdução

Conta uma estória oriental que um sultão tinha, entre seus entretenimentos, uma bailarina que dançava com sete véus diáfanos e multicoloridos. Um dia, quando assistia, com sua corte e seus convidados, a essa dança, um emissário de outro reinado que ali estava comentou que aquele espetáculo era bonito, mas ainda faltava ver o que havia por detrás daquele véu.

Assim, o sultão ordenou que a bailarina tirasse o véu. Não havia como desobedecer à ordem do sultão, assim a bailarina retirou um véu. Acontece, porém, que os véus eram

Comunicação recebida em 03 de dezembro de 2009 e aprovada em 01 de fevereiro de 2010.

* Doutora em Educação pela UNICAMP, professora do Departamento de Filosofia da UFBA. Conferência proferida no Simpósio do Imaginário, em Recife. E-mail: nmunger@ufba.br

sete, e o sultão já agora tomado pelo desejo de investigar o que havia por detrás daquele outro véu, ordenou que também o sexto véu fosse arrancado, e depois o quinto, e assim sucessivamente, até que, uma vez arrancados todos os véus da bailarina e nada tendo desvendado daquela dança misteriosa, ordenou a morte da bailarina.

Embora situada no oriente, a estória assinala um modo de ser e de querer que perfaz nossa história ocidental. Em sucessivas etapas, o Ocidente operou um corte que separou a unidade da diferença, o um do múltiplo, a luz da escuridão, o bem do mal, o corpo do espírito, o homem do Cosmos. Esta de-cisão histórica vem sendo lentamente declinada, no sentido gramatical do termo, ao longo de quase 2.500 anos. Com ela, nega-se a necessária tensão entre o um e o múltiplo, a razão e o mistério, a ciência e a poesia. A confiança eufórica na luz de uma Razão que iria tudo desvendar permeará todo o agir humano. A natureza deixa de ser sujeito para ser objeto: o diálogo e a troca se transformam em projeto de controle e dominação. Assim, podemos ler essa história de acordo com o sentido da palavra grega *hybris*, transgressão, desmesura. A luz sem sombras da Razão (que iria tudo iluminar), da ciência (que iria tudo desvendar) e da tecnologia (que iria tudo programar), comungam de uma mesma recusa de tudo que na realidade se retrai, se vela, e neste sentido oferece resistência ao desejo humano de posse e controle. Com efeito, para a pretensão compulsiva de tudo evidenciar, a existência do mistério é intolerável, porque representa o indeterminável, o não-programável, o estrangeiro ao sistema. As conseqüências históricas desta dinâmica são conhecidas. Em sucessivas etapas, o mito passa a ser símbolo de mistificação. O sagrado se torna domínio exclusivo de autoridades especiais. Aos que resistem, aos que persistem em ver “outra coisa” se nomeia de Louco, de Selvagem, de Traidor. A ser devidamente internado, colonizado, recuperado.

Mas o que acontece com uma civilização que opõe à voz oracular do ser o barulho do discurso programador, da definição definitiva, que não emite sinais, e sim ordens, que não indica, mas codifica? Hoje, vivemos o ápice de um percurso civilizacional que, ao longo de séculos, foi tomado pelo desejo de habitar uma luz sem sombras, de ter uma vida sem morte, de erguer-se acima da terra e do que nela há de imponderável, de caminhar somente na certeza, de varrer do mundo qualquer sombra de dúvida, de poder, enfim, controlar a vida e seus ritmos. Passamos a entender que o real é aquilo que pode ser

mensurado (e que portanto tudo que não pode ser mensurado não tem o mesmo estatuto de realidade).

Na afirmação lapidar do psicólogo americano Skinner (apud ROSZAK, 1973, p.227): “o objetivo da ciência é a destruição do mistério”. A compulsão de separar véu, dança e bailarina, a insatisfação com tudo que se vela – e, no entanto, tudo que é vivo se vela –, a sanha de assenhorar-se do segredo da bailarina, tudo isso fala de uma dinâmica de estruturação que alcança um vigor crescente em nosso percurso de civilização. Se não há lugar para o mistério, é porque tudo deve ser controlado, mesmo que para isso seja preciso fazer como fez o sultão: matar a bailarina.

Este modo de pensar não é a única possibilidade dada ao homem; pelo contrário, trata-se de uma concepção historicamente datada, mas que exerceu tal domínio sobre nossa época que as identificamos com a própria realidade. Uma das maneiras de ganhar um recuo diante de nosso modo habitual de pensar, é de confrontá-lo com outras experiências de pensamento que perfazem também a história do ocidente, e de modo inaugural. Na experiência grega originária, a palavra *physis* expressa a totalidade do real enquanto um brotar, um jorrar, um eclodir a partir de si mesmo. *Physis* é este processo espontâneo pelo qual algo vem a ser o que é, nasce ou cresce e é, não em função de uma intervenção externa, mas em virtude da força própria. Nesta compreensão, cada ser da natureza é experienciado como um puro surgir.

Por isso, há uma proximidade de essência entre *physis* e *tzoé* (vida), *tzoon* (ser vivo). Pois vida para o grego é também o puro emergir, o movimento de emergir. A este movimento de vir à luz de todos os seres, corresponde ao mesmo tempo um velamento, um retraimento, um ocultamento. Esta tensão entre luz e mistério é constitutiva da experiência grega do real. No dizer do pensador pré-socrático Heráclito (1980, p. 137), “surgimento tende ao encobrimento”. Por isso, a experiência grega não tem na reflexão sua forma mais imediata, porque ela se dá como abertura à eclosão do real. Esta imediatez se nutre de *thaumas*, a experiência do maravilhamento e do espanto. Este processo mediante o qual os seres aparecem e perduram por um tempo no brilho de sua aparência se revela, se manifesta, como Cosmos. A palavra ‘cosmos’ provém de *cosmei*, ornar-se. Mas a experiência grega do brilhar e do ornar-se não é uma experiência do sujeito: é o brilho e a beleza da própria realidade em sua manifestação como todo ordenado: o Cosmos é a jóia do

Ser. Em suas reflexões sobre o pensamento grego originário, Heidegger mostra que *physis* e *aletheia* (palavra que os romanos traduzirão mais tarde como *veritas*) mantêm uma correspondência de essência. *Aletheia* é o próprio desvelar-se da realidade, e esta realidade se diz *physis*, o movimento do vir-à-luz, do manifestar-se de todos os seres. Portanto, em sua acepção originária, o verbo *phainesthai*, que provém do mesmo radical que *physis*, significa surgir, manifestar-se no brilho de uma aparência. É assim naquilo que aparece, que se manifesta no mundo, que o ser transparece. Tal presença é habitada por um retraimento, um velamento insuperável, pois é em se velando que o ser se dá.

O modo em que a realidade, a vida se manifesta, isto é, se desvela, é oracular, possibilitadora de múltiplos sentidos. Por quê? Porque nenhum ente, nenhuma manifestação de ser esgota, exaure a fonte. A linguagem mitopoética traduz uma experiência do pensamento diretamente ligada à dinâmica de velamento e desvelamento da realidade. Por isso, podemos pensar que esta dimensão é constitutiva do homem. É também este o sentido da palavra do pensador pré-socrático Heráclito (1980, p. 113): “O oráculo de Delfos não diz nem dissimula: apenas indica.” O oráculo é a voz do deus, mas uma voz que conserva seu mistério. Não é dogma nem receita, é um sinal, uma indicação. A interpretação do oráculo é tarefa da pessoa que o consulta, e nesta interpretação reside a liberdade e a responsabilidade de cada um. Assim também nenhuma palavra diz definitivamente e exaustivamente o que o ser é. Pretender dizer esta palavra é *hybris*, presunção é desmesura. Assim, na experiência grega, a tensão entre luz e mistério é um traço constitutivo da realidade. Neste sentido, o mistério não é aquilo que ainda não pode ser explicado. O mistério é aquilo que, mesmo sendo explicado, não pode ser esgotado, porque é fonte de todo processo de realização, e por isso transcende a qualquer tentativa humana de controle, posse e decisão.

O que ele, o sultão, não compreendeu, é que não há como separar a dança, a bailarina, e o véu. Não há uma bailarina anterior ou subjacente à dança, e todo desvelar é também um re-velar. A tentativa de se erigir em tirano do ser, a pretensão de recusar nossa humana finitude se funda em uma compreensão distorcida daquilo que significa ser um ser humano: Assumir nossa humanidade é afirmar nossa amizade co-operária com o próprio ritmo da vida: seus riscos, suas perdas, sua provisoriedade. O desejo desmesurado de tudo controlar, a compulsão do auto-asseguramento desessencializa o homem, o desinstaura de

seu único lugar possível. Assim, na vigência do tecnologismo contemporâneo, o viver do homem precisa ser asséptico, sem erro e sem dor. Desta tensão entre nossa humana condição e sua denegação nos fala a canção de Chico Buarque de Holanda e Edu Lobo, “Ciranda da Bailarina”, que compõe o musical “O Grande Circo Místico”:

Procurando bem
Todo mundo tem pereba
Marca de bexiga ou vacina
E tem piriri, lombriga, tem ameba
Só a bailarina que não tem
E não tem coceira
Berruga nem frieira
Nem falta de maneira ela não tem
Futucando bem
Todo mundo tem piolho
Ou tem cheiro de criolina
Todo mundo tem um irmão meio zarolho
Só a bailarina que não tem. (LOBO e BUARQUE, 1982, faixa 8)

Esta bailarina, quando experienciada enquanto projeção de valores ideais, rompe com o lugar do humano: é uma bailarina desencarnada, sem erros e sem contradições. Se o mundo, em sua concretude, for medido pela medida desta bailarina, a dor, o limite, a falta, a falha, só podem ser coisas vergonhosas, a serem negadas e denegadas. Esta bailarina tem mesmo é que morrer. É o que nos lembram as palavras de Nietzsche (1993, p. 31): “eu vos conclamo irmãos, permaneço fieis ao sentido da terra.”

Assumir nossa humanidade é afirmar nossa amizade co-operária com o próprio ritmo da vida: seus riscos, suas perdas, sua provisoriedade. Enquanto Totalidade dinâmica, enquanto movimento tenso e trágico, o Mundo inviabiliza nosso desejo de permanência e segurança. Das diferentes maneiras pelas quais o ser humano tentou lidar com essa dificuldade atestam suas múltiplas construções culturais, seja para ajudá-lo a conviver com o real, seja para dissimular o que tanto o assusta. Ora, é por sucessivas rupturas operadas ao longo de nosso percurso civilizacional que se dá a substituição desta totalidade por uma representação que a dicotomiza na pretensão de torná-la controlável. Ao recusar sua própria finitude, o homem aliena-se daquilo que constitui sua humanidade e tenta dissimular o “sendo” que ele realmente é: em seu lugar, deve reinar o sujeito. A este mesmo empenho corresponde a recusa do real em seu caráter fundamental de realização, em seu mistério

irredutível. Pois, se para os gregos o *pathos* da filosofia é o espanto, *thaumátzein*, a disposição que acolhe o mistério enquanto tal, o *pathos* da modernidade é o *ens certum*. Não que a tendência a alçar-se acima da condição humana seja uma construção moderna. Os gregos nomearam o desejo voraz e excessivo, a tendência do homem à desmesura, com uma palavra cuja força ecoa até nossos dias: *hybris*. A atenção em manter a *hybris* sob controle permeia toda a Paideia grega. A doutrina da *sophrosyne* ensina a não esquecer os limites do poderio e da ambição humanas, e faz da busca da *medida*, a mais alta sabedoria. Disso sabiam também as sociedades arcaicas, cujos sistemas simbólicos visavam a afirmar o ser humano como uma instância da vida, parte integrante do todo, e com isso conter a desmesura. Mas enquanto outras sociedades fizeram do eixo de sua cultura a elaboração de técnicas para controlar a desmesura, a nossa fez da *hybris* sua virtude máxima.

O projeto de dominação e controle de tudo que existe, a ruptura da dimensão cosmo-polita do homem, a busca de mais e mais poder sobre a natureza, sobre tudo e todos, o antropocentrismo, formam o eixo em torno do qual, enquanto civilização, gravitamos. No lugar da livre dança da bailarina em seu movimento de velamento e desvelamento, o empenho de auto-asseguramento impõe a reificação de tudo que vive, e para além disso, de tudo que é. Para falar à maneira de Heidegger, no lugar da epifania do mundo, no seu processo de surgir e manifestar-se, instala-se a visibilidade das coisas que já estão, e podem classificadas, dissecadas, controladas. A *theoria*, no sentido de visão, se torna voyeurismo. Rompe-se o diálogo entre o homem e o mundo, porque o mundo se torna estático, morto, coisificado. É esta tiranização do real que vai governar nosso percurso civilizacional. Na *hybris* do tecnologismo, toda a humanidade é mobilizada pela exploração e transformação planejada das energias disponíveis. Sujeito e objeto são nivelados neste grande reservatório de matéria-prima para exploração e processamento. Quando o ser humano esquece sua vocação verdadeira e tenta reduzir o real a um conjunto de objetos dos quais ele seria o colecionador, então o próprio homem pode ser visto como mero objeto, cuja exploração se justifica nessa busca de mais e mais poder.

Na dinâmica do mundo contemporâneo, todo empreendimento, quer teórico quer prático, manual ou intelectual, individual ou coletivo, deve servir aos objetivos de controle, domínio e lucro. Por isso, o valor de uma coisa não está nela mesma: não é um valor que lhe é essencial, isto é, determinante de sua identidade. O valor das coisas no mundo do

capital global não é mais sequer o seu valor de uso, mas o valor fixado segundo as flutuações e conjunturas do mercado global. O que caracteriza a atitude utilitarista não é o uso das coisas; o que a caracteriza é a pretensão de reduzir os seres e as coisas à única dimensão da funcionalidade, como se sua existência não pudesse revelar outros múltiplos sentidos. Em todas as instâncias da vida, impõe-se o totalitarismo de uma única escolha: produzir ou perecer. Diante da atitude objetivante, os seres e as coisas recolhem sua luminosidade e seu mistério. No lugar de um cosmos translúcido que se oferece como epifania, o mundo se torna tão opaco quanto o olhar daquele que o vê. A imposição unilateral deste modo de se relacionar com o real ofusca os seres e corresponde a um estreitamento da capacidade humana de sentir e pensar. Desta imposição resulta um processo de desertificação: como supressão das forças de pensamento e criação, como homogeneização e nivelamento de culturas e tradições, como destruição da infinidade de manifestações da natureza. Aquilo que escapa à organização, aquilo que não pode ser difundido pelas mídias, simplesmente não é mais experienciado.

Sob diversas formas, a crítica ao Um homogeneizador e totalitário e a ênfase dada à experiência da autonomia têm ganhado espaço sempre crescente nos últimos anos. A importância de tal fato não deve obscurecer o perigo de que o que há de mais radical nesta crítica não se perca sob o signo da simples repetição invertida do mesmo. Com efeito, o conceito de autonomia tem recebido às vezes uma interpretação que perverte seu sentido e que pode reconduzir a uma postura totalitária, à medida que se puser em relevância exclusiva e excludente seu aspecto de independência, e se obscureça seu aspecto de relação, de tensão, reconduzindo à pretensão metafísica de um sistema fechado que se basta a si mesmo. É que não basta o “direito à diferença”. O discurso da diferença que não levar em conta seu aspecto de confronto e troca redundará apenas na atomização mediante a qual, ainda uma vez mais, esta mesma dominação se afirma. Romper este círculo vicioso só é possível se redimensionarmos a relação entre unidade e diferença, entre o Um e o Múltiplo. Pois assim como a simples admissão de diferenças não é em si a garantia da liberdade, a fala da Unidade não diz necessariamente tirania.

Por um saber peregrino

Há pouco mais de 400 anos nos acostumamos a pensar a identidade do homem como a do sujeito em si mesmo fundado, cuja humanidade se realiza na razão direta de sua capacidade de tudo controlar. A dimensão do nosso pensamento, a dinâmica do nosso pensar acompanham esta determinação do homem como sujeito em todas suas características de dicotomização, unidimensionalidade e reificação. Na sua acepção primeira, o concreto não é o cimentado, o fixo. Também não é o já dado. A palavra concreto vem do latim *con-crescere*, crescer junto. Concreto é o dinamismo mediante o qual os seres humanos realizam sua caminhada na vida: suas perdas e ganhos, caminhos e descaminhos. Como um crescer junto, a palavra concreto nos remete à necessidade humana de estima e amizade, de diálogo e encontro, de participação e reconhecimento. Na comemoração de um reconhecimento mútuo é que se fortalecem as condições para um crescer-junto, é que se manifesta a dignidade do concreto, é que se potencializam as forças de criatividade, de ânimo, de vitalidade e de regeneração. Sem estar em contato com este manancial, que força de resistência e transformação nos é dado viver?

Na caatinga, existem algumas árvores cuja centralidade na vida do sertanejo está em que elas permanecem verdes durante a seca, como o juazeiro, a baraúna, a catingueira. Em seu modo de ser, a catingueira revela um segredo da vida para quem pode perceber. O segredo não significa algo que está escondido ou oculto, mas algo cuja presença só se mostra para quem o pode acolher. A catingueira mantém seu viço em meio à desolação da seca, porque suas raízes alcançam as águas profundas. Quando outros seres fogem ou fenecem, ela resiste à seca. O mandacaru também resiste, a cobra resiste, como também o carcará e o escorpião. Mas nenhum deles se assemelha a esta árvore. É que, em meio à desolação da seca, ela dá sombra a quem precisa. Seu modo de ser provém de sua ligação com a fonte. Por isso, sua força de resistência é uma força de acolhimento: a catingueira resiste servindo.

A sombra se revela de modo singular para quem vivenciou a realidade da seca. Mas não é esta a nossa condição, habitantes que somos da terra destituída em que errância e deserto, raiz e fonte, acenam com seus sinais? Em todas as partes do globo, há quem busque um modo de resistir ao peso da inércia e do desânimo, do cinismo e do desinteresse

que se alastram como um câncer no tecido social. Mas podemos indagar: será que a gravidade da crise que hoje atravessamos não constitui também uma “fala oracular”, um convite e uma provocação para repensarmos nossos hábitos civilizacionais e nossos automatismos de pensamento? Por isso, talvez um dos maiores desafios com os quais nos defrontamos hoje, seja o de agüentarmos a perplexidade gerada pela crise de tantas concepções que julgávamos inabaláveis, de residirmos na tensão da pergunta, de não nos apressarmos em querer enquadrar a realidade numa nova resposta, numa nova explicação totalizante. Talvez o desafio maior dos dias de hoje não está em encontrar respostas, mas em aceitar conviver com a tensão da própria pergunta. É também nisto que reside a experiência da pobreza, talvez a pobreza essencial à qual precisamos aceder num mundo em que a pleora de informações dissimula a indigência do nosso não-saber.

Conclusão

Nesta procura, precisamos de uma dimensão de pensamento que não se apresse em enquadrar a realidade em esquemas pré-fabricados; uma postura existencial que se ponha à escuta da vida e de seus sinais. A radicalidade da crise que vivemos nos põe diante da necessidade de questionar não somente os nossos conceitos e preconceitos, mas a própria dimensão na qual pensamos. Num percurso civilizacional que substantivou nossa experiência do real e construiu uma metafísica do ter, a postura peregrina corresponde ao exercício de um despojamento radical. Despojar-se não somente da posse das coisas, mas de idéias estabelecidas, de hábitos cristalizados. Isso só é possível mediante uma transformação de essência, em nosso modo habitual de ser. Desta experiência nos fala a palavra tibetana para vivente, *groba*, que significa "aquele que vai". Acolher a nossa condição peregrina é aceitar o ritmo da vida e suas modalidades de transformação; é aceitar-se como vivente.

Referências

HERÁCLITO. **Heráclito**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

LOBO, Edu; BUARQUE, Chico. **O grande circo místico**. Rio de Janeiro: Velas, 1982. 1 CD.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ditirambos de Dionísio**. Trad. Manuela Sousa Marques. Lisboa: Ed. Guimarães, 1993.

ROZAK, Theodore. **Where the wasteland ends**. New York: Doubleday & Company, 1973.